

**CRIAÇÃO DE UM LUGAR LITERÁRIO:
A CASA-MUSEU AFONSO LOPES VIEIRA EM S. PEDRO DE MOEL**

EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO

Nome	Função	Grau Académico
Cristina Maria Alexandre Nobre	Investigador Responsável	DOUTORAMENTO
Fernando Paulo Oliveira Magalhães	Consultor	Doutoramento

Resumo

Afonso Lopes Vieira, nascido em Leiria em 1878 e falecido em Lisboa em 1946, é uma das figuras mais destacadas no âmbito cultural da região de Leiria e, seguramente, um dos pioneiros na tomada de consciência da importância do turismo na divulgação, conservação e dinamização do património cultural de Portugal, em geral, embora com especial focalização na região da Estremadura, por ele cognominada *o coração de Portugal*. No entanto, se isto é um facto em si mesmo, nem por isso nos autoriza a defender a ideia de que o turismo cultural será a salvação futura de todo o património cultural. Em primeiro lugar, porque nem todo o turismo é cultural, e muitas das ofertas feitas na área utilizam técnicas de persuasão mais ou menos sofisticadas para *vender gato por lebre*. Não seria um tipo de turismo consumista, que apressada e ligeiramente oferece locais e valores culturais sem os digerir, que Lopes Vieira imaginava quando se referia às potencialidades turísticas da nossa zona.

Em segundo lugar, porque só alguma cultura deseja as actividades turísticas como sustentação para a cultura. Idealmente, pensar-se-á na imagem do *estado providência*, com capacidade para criar, gerir e sustentar, de acordo com os interesses de todos os cidadãos, os bens culturais. Provavelmente Lopes Vieira viveu num tempo em que este ideal era ainda possível e a sua realização sustentável. Com a falência deste modelo, somos hoje obrigados a repensar os meios de financiamento que sustentem as estratégias de dinamização cultural regional, ainda que os objectivos continuem a ser do interesse de todos os cidadãos.

A abertura da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [ALV] ao público, em 8 de Julho de 2005, correspondeu à realização de um sonho muito antigo de revalidação e valorização

do património cultural da região. Com as obras de restauro e conservação da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira concluídas em 2005, estabelece-se um novo marco na história deste património material, pois se inicia um período de abertura ao usufruto cultural de um bem patrimonial que, por razões diversas, tinha estado vedado ao público. As hipóteses múltiplas de participar em e contribuir para um desenvolvimento cultural sustentado da região são facilmente identificáveis e a atracção do turismo cultural por este tipo de *lugares literários* tem sido muito estudada nos últimos anos.

Se uma das linhas mestras da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com o maior rigor e fidelidade possível, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que Lopes Vieira habitava a casa e dispunha a orientação, dinâmica e enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura – objectivo que foi plenamente alcançado – não existem hoje ilusões sobre a impossibilidade de regressar ao *tempo perdido* apenas através da materialidade espacial. No entanto, a ideia de *peregrinações literárias* (Herbert, 2001: 312) nunca esteve tão em voga como nos nossos dias, e pode ser entendida como uma busca de diferentes formas de espiritualidade. Assim, o turismo cultural tem canalizado muita da procura turística cultural e intelectual para estes novíssimos *santuários literários*, ligados a um escritor e ao ambiente evocativo da sua obra. Os lugares literários deixam progressivamente de ser apenas acidentes históricos, lugares do nascimento, da criação artística ou da morte de um escritor, para passarem a construções sociais, criadas, amplificadas e promovidas para atrair visitantes.

A expectativa é a de que o *bem cultural*, no caso em apreço, literalmente uma herança de Lopes Vieira à edilidade da Marinha Grande, se transforme num *capital cultural*, capaz de exercer os papéis de pólo cultural da região e, de acordo com a oferta do turismo cultural, libertar meios de financiamento que continuem, por sua vez, a permitir a conservação, renovação e vitalidade do património existente. Percebemos que esta é uma lógica de sustentação e de auto-financiamento cada vez mais inflexível e arrebatadora nas modernas sociedades de consumo cultural, e aceitamos que a Casa-Museu ALV, em S. Pedro de Moel, não possa fugir eternamente a este modelo, sob pena de também o actual projecto museológico se transformar num túnel sem luz, aniquilado pela sua própria busca de pureza essencialista, que já deu mostras de fracasso anteriormente e que se arrisca a fracassar novamente.

Pretende-se, assim, implementar um projecto de identificação e descrição do recheio da Casa-Museu ALV, tornando-o património público através de um catálogo de

inventariação dos bens, que o divulgará e constituirá como memória patrimonial futura, contribuindo para transformar o projecto museológico com a mais-valia da criação de um *lugar literário* (Herbert, 2001: 312), na verdadeira acepção da palavra.